

 **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**
Coimbra 16, 17 e 18 de Setembro de 2004

Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra
Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087 · 3001-401 Coimbra, Portugal
Telef +351 239 85 55 70 Fax + 351 239 85 55 89

A
QUESTÃO
SOCIAL
NO NOVO
MILÉNIO

email lusoafrobrasileiro@ces.uc.pt
url <http://www.ces.uc.pt/LAB2004>

Pescoceiras roejantes de suor: os brasileiros de Camilo, uma teia atlântica

Paulo Motta Oliveira
Universidade de São Paulo (USP)
Brasil

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago

Erma, e entre choros de ânsia e de presago
Mistério.
Não voltou mais. (Pessoa: 1983, 16)

Assim inicia Fernando Pessoa o penúltimo poema de *Mar Português*. Ao transformar em *última nau* aquela que levou o malfadado rei-menino para as areias de Alcácer Quibir, Pessoa apaga mais de três séculos da história de seu país. Está aqui a seguir

os passos do *História de Portugal*, em que Oliveira Martins considerou que a nação havia morrido quando findou a segunda dinastia. “Nesse túmulo que encerrava, com os cadáveres do poeta e do rei, o da Nação, havia dois epitáfios: um foi o sonho sebastianista; o outro foi, é, o poema d'*Os Lusíadas*. A pátria fugira da terra para a região aérea da poesia e dos mitos.” (Martins, s.d., v.2, p.57)

Será novamente, bem o sabemos, com a poesia e com o mito que o poeta de *Mensagem* tentará reencontrar um sentido para o seu país-nevoeiro, transformando-o em espaço propício para o advento desse *Galaaz com pátria* que poderá, finalmente, *passados os quatro tempos do ser que sonhou*, revelar ao mundo dividido o *Santo Graal*. Mas para entendermos por que esse país transformou-se em nevoeiro, precisamos justamente visitar os três séculos apagados por Pessoa e Martins, aqueles mesmos séculos que Antero de Quental amargamente analisou na sua segunda conferência na Sala do Casino Lisbonense (cf. Quental, 1982, p.255-296), e neles encontrar uma outra morte que transformará o Portugal oitocentista no espaço de total desesperança descrito no terrível “Inscrição” de Camilo Pessanha:

Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida e inerme.
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme... (Pessanha, 1995, p.75)

Portugal não morreu nas areias de Alcácer. Lá ficou apenas o seu *ser que houve*, multicontinental império sustentado pelas especiarias da Índia e pelas praças de África. Quando ressurgiu, sessenta anos depois da morte do cardeal D. Henrique, livrando-se do jugo de Espanha, já era um novo ser, já teria, para usarmos uma genial metáfora de Eduardo Lourenço (1978), recoberto o seu frágil corpo com a pela americana. O Portugal

dos séculos XVII e XVIII teve o Brasil como seu coração: a cana de açúcar primeiro, o ouro depois, o pacto colonial sempre, estes foram os sustentáculos que permitiram a sobrevivência do império português.

Mas toda a história tem um fim. E uma outra nau, saída às pressas de Lisboa, seria a última. A bordo, não o rei-menino, mas uma corte que fugia atabalhoada das tropas de Napoleão, que já estavam às portas da cidade. Foi esta a nau que levou o pendão do império. E não voltou mais. Quando, quatorze anos depois, D. João VI retornar para Portugal, convertido no primeiro rei constitucional do país, terá deixado para trás um Brasil que não mais será colônia, mas parte do reino unido. E, poucos anos depois, o herdeiro da coroa, D. Pedro, irá proclamar a independência do território americano.

É esse Portugal apequenado, reduzido, apesar de suas possessões em África e Ásia, quase que só a seus ossos europeus, mal recobertos de *farrapos vindos de França*, que a ficção oitocentista irá retratar. Rastrear as pegadas de seus personagens é, assim, tentar debuxar o mapa desse mundo português ainda flutuante, já amputado o coração americano, ainda não transformada a África em novo coração que fará pulsar, pela derradeira vez, o sangue no decrepito corpo imperial.

Dois autores são, como o sabemos, incontornáveis para quem se debruça sobre a ficção portuguesa oitocentista. Começando em meados do século, e indo quase até seu final, se espraia a produção camiliana, com seus infindáveis 135 volumes. Mais concentrada, em tempo e em número de obras, a narrativa eciana está centrada no último quartel do século, se aqui nos atermos a obras que foram lançadas até o ano após a sua morte, ou seja, àquelas que o autor aparentemente pretendeu publicar. Gostaria de começar

pela última, da qual se pode extrair um mapa bastante preciso, para que depois possamos, já com algumas pistas, penetrar no labirinto ficcional de Camilo.

Da vida provinciana em Leiria, ao glamour de Paris, das místicas terras palestinas à misteriosa China, é largo e vário o mapa construído pela ficção eciana. Já em outro momento notei (Cf. Oliveira, 2001), na trilha das observações de Hobsbawm (2000, p.61), que o século XIX foi – em especial em sua segunda metade – o século da facilitação das viagens. A geração de Eça – que estava a estudar em Coimbra justamente nos anos sessenta, período em que a ferrovia finalmente atinge esse extremo ocidental da Europa¹ – foi a primeira que viveu o impacto da construção de um meio de transporte rápido, ligando Portugal às principais capitais europeias.

Podemos supor que esse impacto foi um dos motivos para a presença marcante das viagens nas obras de Eça. A própria vida desse autor não deixa de ser um exemplo das possibilidades de deslocamento de seu tempo: viveu em Cuba, na Inglaterra e na França; fez ainda viagens a outros países, das quais a mais famosa é, provavelmente, a que realizou ao Egito. Nos livros de Eça, a viagem é um tema freqüente e, muitas vezes, central. Das paradigmáticas jornadas de Raposo, Jacinto e Ramires – todas elas, em certo sentido, iniciáticas, pois alteram de forma radical as vidas desses personagens –, ao constante viajar de Fradique, estamos diante de várias manifestações de um deslocamento ficcional que atravessa múltiplos países e distintas culturas. O irônico autor não esqueceu mesmo de mostrar numa deliciosa carta desse último personagem a Mr. Bertrand B., engenheiro na Palestina, os efeitos maléficos da explosão de estradas de ferro, que homogeneizariam todo

¹ Em 1856 o país possuía apenas 36 Km dessas estradas, em 1864 já existiam cerca de 720 Km. (Cf. Marques, 1986. v.3, p.90).

o mundo, fazendo com que, como diria anos depois Álvaro de Campos, a terra se transformasse em algo *semelhante e pequenino* em que *há uma só maneira de viver*²:

(...) a tua obra maligna prosperará pela própria virtude da sua malignidade. E dentro de poucos anos, o ocidental positivo que de manhã partir de Japo, no seu vagão de 1^a. classe, e comprar na estação de Gaza a *Gazeta Liberal do Sinai*, e jantar divertidamente em Ramleh no *Grande Hotel dos Macabeus* – irá, à noite, em Jerusalém, através da *Via-Dolorosa* iluminada pela eletricidade, beber um *bock* e bater três carambolas no *Casino do Santo Sepulcro*. (Queirós, 1946, p.219)

Se, porém, tentarmos mapear os deslocamentos dos personagens ecianos, poderemos notar que eles produzem, como disse acima, um mapa bastante preciso, com zonas claramente demarcadas. Existe um grande círculo, o do vasto espaço em que se viaja, círculo que inclui quase todo o mundo de então, e de que as múltiplas viagens de Fradique, e os deslocamentos de Raposão e Teodoro são paradigmáticos exemplos. Trata-se do espaço dos *turistes* ecianos, que, ou com objetivos específicos, ou com o simples desejo de conhecer o mundo, vagabundeiam por um globo já domado.

No interior desse primeiro círculo, existe um outro, mais delimitado, dos espaços em que os personagens efetivamente moram. Se separarmos algumas poucas exceções, como a do jovem Afonso da Maia vivendo na Inglaterra o seu exílio liberal, esse círculo está composto basicamente por quatro espaços: Portugal, França, Brasil e África. O primeiro, seja em suas cidades, seja em suas serras, é o espaço em que habita a maior parte dos personagens ecianos. Os movimentos que, desse centro, levam alguns deles para as demais regiões, são bastante distintos. Todos os que vão para a França, e em especial os que habitam Paris, – do primeiro Jacinto ao último Carlos, passando pelo inconstante Zé

² “Eu acho que não vale a pena ter / Idó ao Oriente e visto a Índia e a China. / A terra é semelhante e pequenina / E há só uma maneira de viver.” (Pessoa, 1986, p.303)

Fernandes, pelo cosmopolita Fradique, e chegando mesmo à metamórfica Maria Eduarda prestes a se transformar em Madame de Trelain –vão lá gastar a fortuna que foi gerada em Portugal. Em um movimento inverso, e quase simétrico, o Brasil de Basílio e a África de Gonçalo são espaços em que se vai buscar a fortuna perdida. Cria-se assim, no interior da ficção eciana, um interessante fluxo monetário: Paris é o centro, que suga o que é produzido em Portugal, e também aquilo que é gerado em diferentes partes do *novo mundo*.

Antes de continuarmos, são necessárias algumas reflexões, um breve interlúdio teórico, para usarmos um termo recorrente no livro que inspira esses toscos ensaios cartográficos: o *Atlas do romance europeu 1800-1900* de Franco Moretti.

Primeiro, é evidente a proximidade entre essa cartografia eciana e a análise que Boaventura Santos fez da especificidade da situação portuguesa.

As sociedades de desenvolvimento intermédio exercem uma função de intermediação no sistema mundial (...). No caso de Portugal a função de intermediação assentou durante cinco séculos no império colonial. Portugal era o centro em relação às suas colônias e a periferia em relação à Inglaterra. Em sentido menos técnico pode dizer-se que (...) foi um país simultaneamente colonizador e colonizado. (Santos, 1997, p.58.)

O Portugal de Eça também está entre os espaços coloniais e a Europa. Mas o fluxo do dinheiro não termina na industrializada Inglaterra, como seria de se esperar, e sim nessa metrópole cultural que é Paris. Talvez isso indique que o mapa eciano representa não as efetivas trocas econômicas do período, mas sim outro tipo de relações culturais. É o Portugal simbólico que se veste dos trapos vindos de França que Eça parece querer representar. Como reclama numa hilária carta a Oliveira Martins, em que descobre que está passando mal devido às “comidas do Hotel *feitas à francesa*”: “Sempre a França, e a reles

tradução que dela fazemos! (...) [Os portugueses] Querem ser liberais, filósofos, franceses, polidos ligeiros... Conseqüência: o país como tu sabes, e eu com soltura há oito dias. Irra!” (Queirós, Martins, 1995, p.58)

Do outro lado desse mapa estão os espaços que haviam sido ou ainda eram possessões portuguesas: o Brasil e a África. Em relação a eles um trecho do livro de Moretti, sobre a representação de uma outra aventura imperial, pode ser útil. Partindo da análise de um romance de Jane Austen, e dele ampliando a sua perspectiva para treze romances sentimentais britânicos do mesmo período, o crítico nota que neles as colônias ocupam um papel central: “Nos romances sentimentais da virada do século, as colônias são uma presença verdadeiramente ubíqua: são mencionadas em dois romances em cada três, e as fortunas feitas no exterior chegam a um terço, senão mais, da riqueza nesses textos.” (Moretti, p.37). Mas essa presença tem certas características peculiares.

O modo como as fortunas coloniais são apresentadas – alguns comentários apressados e ponto final – é em si mesmo um bom indício do real estado de coisas; quanto às próprias colônias, *nenhum dos treze romances (...) as representa diretamente*; no melhor dos casos, temos uma história retrospectiva (e duvidosa) como a de Rochester, em *Jane Eyre*. Essa é a geografia mítica – *pecúnia ex machina* – que não é realmente produzida (nunca se diz nada sobre o trabalho nas colônias), mas magicamente “encontrada” no exterior sempre que o romance precisa. (Moretti, 37-39)

O trecho é essencial. Qualquer leitor se lembrará do Brasil de Basílio ou da África de Gonçalo. Não são esses dois espaços lugares em que a fortuna é “encontrada”, sobre os quais apenas temos histórias retrospectivas e duvidosas?³ Moretti irá considerar que essa forma de retratar o enriquecimento desvincula a riqueza da elite da multidão de pobres

³ Podemos pensar que a fortuna herdada por Teodoro do falecido mandarim, morto pelo toque da campanha, acaba por ter esse mesmo caráter. Certamente essa proximidade traz relações interessantes, que não temos aqui o espaço suficiente para explorar.

trabalhadores então existentes na Inglaterra, e conclui que é a ideologia, e não a história econômica, que explica essa configuração: “Uma ideologia que projeta, literalmente, uma realidade desconfortável para longe da Grã-Bretanha” (Moretti, p.39)

Que ideologia estaria por trás desse mapa eciano, que tem Paris como centro e as colônias como espaço de mágico enriquecimento? Sem tentar ainda responder a essa pergunta, gostaria de passar para outra cena, e para o outro autor que aqui me interessa.

No início de *Onde está a felicidade?* o jovem João Antunes da Mota, que mais tarde receberá a alcunha de *Kágado*, vai com seu tio para o Porto “Com o destino de embarcar para o Brasil”. No cais os dois foram abordados por um “homem gordo”, “dono de duas lojas de mercearia na Fonte Taurina” que “desejava meter numa delas um rapaz, que tivesse boa pinta para o negócio”. Achou que o jovem João poderia servir, e fez a seguinte observação ao tio dele: “(...) quer vossemecê deixá-lo comigo? **O Brasil é em toda a parte**. Tenha ele cabeça, e boa aquela para o negócio, que o mais em toda a parte se arranja dinheiro.” (Castelo Branco, 1983, p.180. Negritos nossos)

Não temos aqui um Basílio, moço arruinado mas vindo da classe dominante, ou Gonçalo, nobre com raízes mais velhas que Portugal. Estamos diante de um jovem pobre, para quem o Brasil parece ser a única saída, mas que descobre que mesmo em Portugal existem *Brasis*. “João Antunes entrou em casa do patrão, jantou com o tio, e disse-lhe adeus. / Poucos anos decorridos, (...) era o primeiro caixeiro, mais tarde o genro de seu patrão, e depois o seu herdeiro.” (p.181).

A geografia camiliana não possui a clareza da de Eça, como esse breve episódio acima parece indicar.

A França, um dos pólos do mapa eciano, não é para Camilo a voraz consumidora de fortunas luso-afro-brasileiras. Se certamente, como já afirmou Maria de Lourdes Ferraz (1991), é quase impossível se formular uma hipótese verdadeira para o conjunto da obra do autor, dados o seu tamanho e a sua diversidade, uma rápida visita a alguns romances poderá indicar os múltiplos papéis que esse país nela ocupa. Se não faltam aqueles que vão para Paris, e lá ficam um tempo maior ou menor, vivendo do fruto de seus bens portugueses – de que seriam bons exemplos o fidalgo Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda e sua prima e amante Ifigênia de *A queda dum anjo*, ou os emigrados miguelistas de *Coisas espantosas* –, temos, quase que no pólo oposto, também aqueles que, como os jovens heróis balzaquianos, vêem a capital francesa como um espaço propício para fazer fortuna, como o arruinado Afonso em *Amor de Salvação*. Embaralhando ainda mais as linhas desse mapa, a França pode mesmo ser o espaço de onde surgem, como do Brasil e da África de Eça, mágicas fortunas. O melhor exemplo disso é *A mulher fatal*. O diálogo em que o narrador, que, como é usual, se assume como Camilo, fica sabendo de como Cassilda de Arcourt recebeu uma fortuna que modificou a sua vida, merece ser aqui reproduzido.

- Que mulher é esta para quem olham todas e todos?
 - (...) Cassilda Arcourt
 - Cassilda! (...) Há três meses me disseram que essa mulher estava desgraçada e velha!... (...)
 - Esta mulher foi casada com um francês...
 - Mr. Posper Arcourt, sei...
 - Sabe também que o marido a roubou?
 - Sei, e que fugiu...
 - De Paris passou à Índia francesa, onde esteve doze anos, e voltou rico. Chegou a França, comprou uma casa acastelada nas margens do Rhône; onde vivia principescamente, quando morreu. A sua herdeira era Cassilda. Foi procurada em Lisboa e encontrada num quinto andar; saiu daí para França; e, quando voltou à pátria, foi residir num palacete a Buenos Aires. Aqui tem a actual amante de ***.
- (Castelo Branco, 1987, p.1200)

A fácil percebermos a diferença de perspectiva em relação a Eça. Temos aqui uma mulher portuguesa que recebe uma fortuna que teve sua origem num dinheiro roubado de Portugal, mas que foi multiplicado no espaço colonial francês. E que vai, em Portugal, gastar sua fortuna. Mais interessante ainda é lembrarmos que nesse mesmo livro uma outra mulher, Filomena, a viúva do malfadado Carlos Pereira, também recebe uma herança quando estava numa situação quase tão desesperadora como a de Cassilda, só que essa vinda não de Paris, mas do Rio de Janeiro: é o tio de Carlos que, ao falecer, deixou para seu sobrinho, ou para seus herdeiros, todos os seus bens. Como podemos notar, nesse romance, Portugal pode receber bens de vários espaços coloniais, sejam eles franceses ou portugueses. Ou seja, no mapa camiliano o país não é periferia em relação a uma mítica Paris. Mantém, com a capital francesa, uma múltipla e diversificada relação econômica e simbólica.

Por sinal o que caracteriza o mapa que pode ser depreendido de alguns romances camilianos é justamente a sua complexidade. Não existem aqui, como já indicamos, os pólos claramente delimitados de Eça. Os portugueses podem viver em espaços diversos – Suíça, Itália e Espanha podem ser bons exemplos, retirados respectivamente de *Coisas espantosas*, *Agulha em palheiro* e *A viúva do enforcado* – e, nesses espaços, podem tanto gastar a sua fortuna proveniente de Portugal, como nos dois primeiros livros citados, como viverem do dinheiro proveniente do seu trabalho no estrangeiro, como ocorre no último. Portugal é não só um espaço de que se sai, mas também um espaço que recebe estrangeiros, mesmos os que lá vão tentar fazer fortuna, como ocorre com o galego Gregório de *Coisas espantosas*.

O mapeamento dessa grande diversidade exigiria um trabalho que extrapola em muito a pesquisa que até agora fizemos. Mas a sua existência pode nos servir para melhor

situarmos a posição especial que o Brasil possui na ficção camiliana. Um trecho de *O cego de landim*, que serviu de inspiração para o título deste artigo, pode convir como mote para essas reflexões

Em 1841, a hospedaria dilecta dos brasileiros de profissão (distingam-se assim dos brasileiros do Brasil) era a do Estanislau, na Batalha. Ali havia a sem-cerimônia do chinelo de liga à mesa-redonda; os colarinhos arregaçados deixavam arejar as pescoceiras rorejantes de suor, que se limpavam aos guardanapos; (...) a laranja era descascada à unha e os caroços das azeitonas podiam ser cuspidos na mesa (...). (Castelo Branco, s.d., v.2, p.93)

Se, como vimos no trecho de *Onde está a felicidade?*, o Brasil é em qualquer parte, existem certas características desse país que são recorrentes: os *brasileiros de profissão*, tenham eles efetivamente ido para a América ou não, são esses seres um pouco rudes e toscos, com as suas *pescoceiras rorejantes de suor*. Ou seja, não são como o refinado Basílio, ou Gonçalo que volta com a mesma brancura que tinha – “*A África nem de leve lhe tostou a pele*”(Queirós, 1951, p.446), dirá a *prima Maria*. O Brasil possui, para Camilo, uma concretude que não tinha para Eça: é um espaço em que, na maioria das vezes, as fortunas são ganhas com trabalho, um trabalho que não deixa espaço para refinamentos. Pois, também na maioria das vezes, aqueles que vão para *os Brasis* são, como o jovem *Kágado*, pobres.

O Brasil é em qualquer parte, pois qualquer parte pode servir como espaço de tentativa de enriquecimento. Mas, na ficção camiliana, o Brasil concreto, do outro lado do atlântico, é por excelência o espaço que ocupa esse papel. É de lá que parte, na grande maioria dos casos, o dinheiro que irá, depois, ser gasto em Portugal. Dinheiro honesto, em muitos casos, ou criminosamente acumulado, em alguns outros, como ocorre em *O cego de*

Landim, livro que por sinal é, como já o afirmei algumas vezes, um dos melhores exemplos dessa *teia atlântica*.

Certamente muito pouco fizemos aqui, além de apontar alguns contornos do mapa construído pela ficção camiliana. Mas já é chegada a hora de, juntando as pontas deixadas pelo caminho, tecermos algumas considerações.

Perguntamos, acima, qual seria a ideologia presente no mapa construído por Eça. Agora, confrontando-o com o de Camilo, podemos ao menos apontar algumas pistas. Esses dois autores tratam de dois países aparentemente distintamente situados no concerto das nações. O Portugal de Camilo não é nem centro nem periferia em relação à Europa: mantém com o restante do continente uma relação de igualdade, de troca e intercâmbio. Se existe uma *periferia*, ou seja, um espaço que produz riquezas que serão utilizadas no centro, esse espaço é o mundo colonial, seja ele já independente, como é o caso do Brasil, ou não. Mapa muito diferente do de Eça, no qual, como notamos, existe uma clara relação de dependência entre Portugal e França.

Em outro momento (Oliveira, 2003) apontei que diferentemente da ficção eçiana, em que poucos trabalham, Camilo descreve um Portugal já totalmente imerso no mundo capitalista. Parece-me que os mapas que aqui construímos só confirmam a hipótese que então levantei. A inevitável decadência que Antero de Quental apontou na sua mais famosa conferência na sala do *Casino Lisbonense* talvez seja apenas parte da realidade do Portugal oitocentista. E, talvez, a ficção camiliana seja o caminho para encontrarmos esse Portugal perdido, escondido na sombra pelo brilho da geração de 70. O mapa de Camilo não me parece menos preciso que o de Eça. Mais confuso e fluído talvez. Mas essa complexidade é fundamental para que possamos entender o Portugal subterrâneo, que mesmo sem a sua

principal colônia, continuou a existir. O Portugal dos pobres e dos trabalhadores. O Portugal dos *brasileiros*, que com suas pescoceiras rorejantes de suor, constroem, qual pacientes aranhas, uma teia atlântica.

Bibliografia

- CASTELO BRANCO, Camilo. *Novelas do Minho*. Mem Martins: Europa-América, s.d. 2.v.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras Completas Vol. III*. Porto: Lello & Irmão, 1984.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras Completas Vol. IV*. Porto: Lello & Irmão, 1985.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras Completas Vol. V*. Porto: Lello & Irmão, 1986.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras Completas Vol. VI*. Porto: Lello & Irmão, 1987.
- FERRAZ, Maria de Lourdes A. Diálogos de Camilo. *Colóquio Letras*, 119, Lisboa, jan.-mar. 1991. p. 25-34.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções (1789-1848)*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.
- MARQUES, Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Palas Editores, 1986. 3.v.
- MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Europa-América, s.d. 2.v.
- MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- OLIVEIRA, Paulo Motta Da literatura camiliana como interpretação de Portugal. In: *Anais do XIX Encontro Brasileiro de Professores de Literatura Portuguesa*. Curitiba: ABRAPLIP, 2003. p.849-855.
- OLIVEIRA, Paulo Motta Eça: Fradique, Ramires e outros viajantes de papel. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 155-164, 2001.
- PESSANHA, Camilo. *Clepsydra*. Lisboa: Relógio D'Água, 1995
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1983.
- QUEIRÓS, Eça de, MARTINS, Oliveira. *Correspondência*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- QUEIRÓS, Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes*. Porto: Lello & Irmão, 1946.
- QUEIRÓS, Eça de. *A ilustre casa de Ramires*. Porto: Lello & Irmão, 1951.
- QUENTAL, Antero. *Prosas sócio-políticas*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice*. 6.ed. Porto: Afrontamento, 1997.